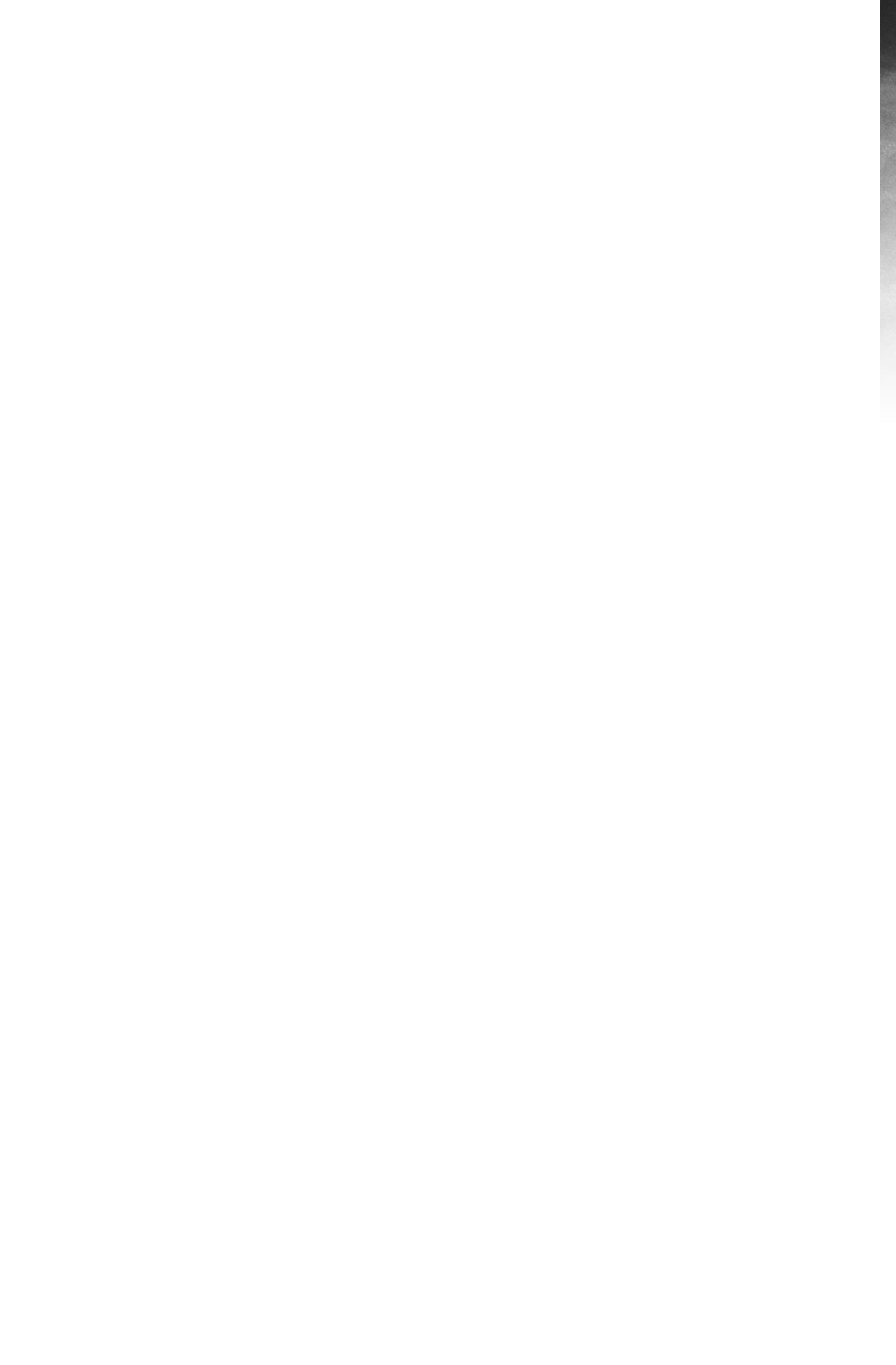


O caminho da oração



BEATO SIMÃO DE ROJAS

O caminho da oração

Como falar com Deus com grandiosidade e poder

Traduzido por

BIANCA VEGA E MANUEL TERRA



THOMAS NELSON BRASIL

Rio de Janeiro – 2008

Título original: *Tratado de la oración y sus grandezas*

Copyright da tradução © Thomas Nelson Brasil, 2008.

EDITOR RESPONSÁVEL

Nataniel dos Santos Gomes

SUPERVISÃO EDITORIAL

Clarisse de Athayde Costa Cintra

PRODUTORA EDITORIAL

Bárbara Coutinho

TRADUÇÃO

Bianca Vega e Manuel Terra

CAPA

Douglas Lucas

COPIDESQUE

Marcelo Barbão

REVISÃO

Margarida Selmann

Cristina Loureiro de Sá Neves Motta

Joanna Barrão Ferreira

REVISÃO TÉCNICA DAS NOTAS

José Silveira da Costa

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Fado

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R645c

Rojas, Simão de, 1552-1624

O caminho da oração: como falar com Deus com grandiosidade e poder / Beato Simão de Rojas; [tradução Bianca Vega e Manuel Terra]. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

Tradução de: *Tratado de la oración y sus grandezas*

ISBN 978-85-7860-000-6

1. Oração - Igreja Católica. 2. Meditação - Igreja Católica. 3. Vida cristã.
I. Título.

08-3227.

CDD: 248.32

CDU: 248

Todos os direitos reservados à Thomas Nelson Brasil
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso
Rio de Janeiro – RJ – CEP 21402-325
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313
www.thomasonnelson.com.br

SUMÁRIO

Prefácio	11
Prólogo	15
PRIMEIRA PARTE	19
Na qual se trata da grande necessidade que temos da oração e de que coisa seja a oração, a meditação e a contemplação.	
CAPÍTULO I	21
Que trata da miséria e necessidade que veio ao homem pelo pecado, e como lhe quebrou as asas para voar ao céu.	
CAPÍTULO II	28
Que a oração repara os referidos danos e os retira do homem.	
CAPÍTULO III	34
Que a oração repara todos os males e danos tanto da alma quanto do corpo.	
CAPÍTULO IV	41
No qual se trata como há preceito e mandamento de oração.	

CAPÍTULO V	46
Que por meio da lição de algum livro santo muito se dispõe uma alma pela oração.	
CAPÍTULO VI	52
De quanto importa, para acertá-la no uso da oração, ter nos princípios guia e mestre espiritual experimentado.	
CAPÍTULO VII	57
No qual se declara o que é oração, e o lugar e tempo mais apropriado para orar.	
CAPÍTULO VIII	64
No qual se prossegue que coisa seja a oração.	
CAPÍTULO IX	70
Que trata de três maneiras de oração chamadas jaculatória ou de pensamento, meditação e contemplação.	
CAPÍTULO X	75
Da oração chamada meditação.	
CAPÍTULO XI	81
Da terceira maneira de oração, chamada contemplação: de seus divinos nomes e que desta ciência somente Deus é o mestre.	
CAPÍTULO XII	86
Que coisa seja contemplação, e em que se diferencia da meditação.	
CAPÍTULO XIII	90
Dos frutos que acompanham a contemplação.	
CAPÍTULO XIV	84
De outros quatro frutos da contemplação e de seu fim que é unir pelo amor a alma com Deus.	

CAPÍTULO XV	98
Como este amor divino dilata e engrandece o coração, e que toda criatura nos ensina a amar.	
CAPÍTULO XVI	103
Que somente Deus merece ser amado e não criatura alguma, senão por Deus e para Deus.	
CAPÍTULO XVII	107
Que no caminho espiritual há duas vidas, ativa e contemplativa, e qual é a razão disto.	
CAPÍTULO XVIII	110
Que Jesus Cristo não confundiu estas duas vidas ativa e contemplativa, e que há outra terceira chamada mista.	
CAPÍTULO XIX	115
Qual das vidas seja melhor, a ativa ou a contemplativa.	
CAPÍTULO XX	120
Qual vida destas duas há de ser primeiro, a ativa ou a contemplativa.	
CAPÍTULO XXI	123
O qual ensina a não julgar uns aos outros na maneira de vida que escolheram, ou de ação ou de contemplação.	
SEGUNDA PARTE	129
Na qual se tratam algumas das grandezas e frutos, grande poder e valor da oração.	
CAPÍTULO I	133
Que a oração alcança celestiais consolos para a alma.	

CAPÍTULO II	136
No qual se expõe três observações importantes em matéria de consolos espirituais.	
CAPÍTULO III	139
No qual se expõe algumas causas pelas quais priva Deus deste espiritual manjar a muitos servos seus.	
CAPÍTULO IV	144
Que a paixão demasiada por criaturas, ainda que santas, impede o gozo das consolações do céu.	
CAPÍTULO V	149
Que a distração e o derramamento dos sentidos é grande estorvo para receber de Deus consolos na oração.	
CAPÍTULO VI	157
Que trazer uma alma presente a Deus em todas suas coisas a dispõe à participação de seus divinos consolos.	
CAPÍTULO VII	163
Quanto ajuda o sacrifício a uma alma para receber de Deus o saboroso licor dos divinos consolos.	
CAPÍTULO VIII	170
Que a guarda e o recolhimento do coração muito ajuda e dispõe a alma para receber consolos de Deus.	
CAPÍTULO IX	177
Que cometer pecados veniais vista e advertidamente é notável estorvo para ser visitada a alma com estes favores do céu.	
CAPÍTULO X	186
Que trata do que fará a alma no tempo da secura espiritual.	

CAPÍTULO XI	190
Que a oração é único e universal remédio para todo trabalho espiritual ou temporal.	
CAPÍTULO XII	195
Que trata de outro grande fruto da oração, a qual torna a uma alma surda, cega e muda.	
CAPÍTULO XIII	200
Que a oração faz uma alma sábia, pois ensina mais que o livro, e que põe em esquecimento todas as coisas daqui debaixo.	
CAPÍTULO XIV	205
Que a virtude da oração faz uma alma humilde e forte.	
CAPÍTULO XV	210
Que a oração é tão forte que vence o demônio e triunfa sobre suas tentações.	
CAPÍTULO XVI	217
Que é tão forte a oração que com ela o justo tudo pode e tudo vence.	
CAPÍTULO XVII	224
Como a oração troca e melhora por seu meio uma alma.	
CAPÍTULO XVIII	228
Que a oração só em Deus põe os olhos.	
CAPÍTULO XIX	232
Que a oração sustenta e reforma o mundo e que se deve estimar em muito a oração de um bom.	
CAPÍTULO XX	237
Que a oração dispõe uma alma para receber de Deus graça e glória.	

SUMÁRIO

CAPÍTULO XXI	244
Que a oração é poderoso meio para alcançar todas as virtudes e vencer todos os vícios.	
CAPÍTULO XXII	250
Que a oração é universal escola, na qual se ensina e aprende toda virtude e bondade.	
CAPÍTULO XXIII	257
Que tarde, e depois de tentados outros meios, acodem os homens a Deus.	
Notas	263

PREFÁCIO

SIMÃO DE ROJAS (1552-1624), MESTRE DA ORAÇÃO

SIMÃO DE ROJAS FOI UM homem de espiritualidade incandescente e de vida profunda com Deus. Tudo o que ele escreveu teve o toque da profundidade e da beleza, e por isso foi considerado um dos mais profundos clássicos do Século de Ouro espanhol. Viveu para ouvir o Espírito Santo, e aprendeu com Ele a tonalidade e o volume de voz ideais para falar com Jesus, o Amado da sua alma.

Rojas encheu sua época de esplendores espirituais, e percorreu as cidades e os vilarejos da Espanha para ensinar as pessoas a falarem com Deus em oração. Durante seus 72 anos de vida, Simão de Rojas, com sua luz de sabedoria bíblica e santidade, iluminou poderosamente as pessoas que tiveram o privilégio de relacionar-se com ele. Foi socorrista de pobres e pai de aflitos, conselheiro sensível e evangelista incansável.

No seu extraordinário *O caminho da oração*, Rojas ensina que a oração correta é um dom raro. Orar é derramar o coração diante de Deus, é apresentar diante do Criador algo que a Sua graça já havia colocado lá dentro. A oração é a asa com que a alma voa para o céu. Quando o cristão ora, passa a fazer parte do mais poderoso quarteto do Universo: o Pai, o Filho, o Espírito Santo, e ele, o cristão em oração. Abandone esse quarteto secreto, e sua vida espiritual entrará em

declínio. Na verdade, entre a Trindade e a alma que busca, solícita, o socorro do Céu, existe tão-somente a distância de um joelho.

No momento em que o cristão está orando, os anjos mobilizam-se, e desencadeia-se, em seu favor, um choque de armas na esfera celestial. A oração é a única ação na terra capaz de mobilizar uma reunião de cúpula na sala do trono do universo. Ela é a respiração natural da fé, e os celeiros de Deus estão sempre abertos à voz da fé em oração. A vida de muita gente seria muito mais fácil se compreendessem que não adiante orarem por coisas que só poderão alcançar pelo trabalho, ou trabalharem por coisas que só poderão obter pela oração.

O mestre Simão de Rojas também ensina que só podemos escalar as montanhas dos nossos problemas de joelhos, e que Satanás está mais ansioso em nos impedir de ficarmos de joelhos do que em nos fazer cair. Ele ri dos nossos estudos, do nosso trabalho, zomba da nossa sabedoria, mas treme quando oramos. A oração funciona para o cristão como um escudo contra o pecado. Ou a oração o fará deixar de pecar, ou o pecado o fará deixar de orar. Não podemos esperar viver em defeito e orar com efeito.

Deus não faz nada que não seja em resposta à oração. Ele governa o mundo através da oração dos seus santos. A igreja de joelhos trará os céus à terra. Porém, é necessário que se leve sempre em consideração que a oração é um instrumento poderoso não para fazer com que a vontade do homem seja realizada no céu, mas para fazer com que a vontade de Deus seja feita na terra. Nada está fora do alcance da oração, a não ser aquilo que está fora da vontade de Deus.

O homem que se ajoelha diante de Deus em oração pode resistir e vencer de pé a qualquer coisa.

JEFFERSON MAGNO COSTA

O BEATO SIMÃO DE ROJAS NASCEU EM Valladolid em 1552 e aos doze anos entrou para a Santíssima Trindade. Logo se destacou por seu conhecimento, sendo nomeado Leitor de Artes e em seguida de Teologia. Foi prelado em muitos conventos, visitador de sua província e finalmente provincial.

Sua fama de santidade chegou à Corte e Felipe III lhe confiou a educação dos infantes Don Carlos e Don Fernando e, mais tarde, Felipe IV nomeou-o confessor da rainha. O Beato Simão de Rojas aceitou o cargo com as seguintes condições: que não seria obrigado a fazer uso da carruagem nem receberia qualquer tipo de remuneração e que continuaria, como até então fazia, a visitar os pobres e os doentes em suas casas assim como nos hospitais e nas prisões. O Rei tentou várias vezes honrá-lo com distinções eclesiásticas e posteriormente com o arcebispado de Valladolid, mas não conseguiu vencer a resistência do beato Simão, que costumava repetir que Deus não o queria como bispo, mas como humilde religioso. Somente se utilizou da posição que, por causa de sua santidade tinha sobre os monarcas, para que estes o apoiassem na fundação da Congregação dos Escravos de Maria ou Congregação de Ave-Maria, na qual se inscreveram os reis e, seguindo seus exemplos, quase toda a Corte. Conseguiu também o ofício próprio do muito doce nome de Maria para os religiosos Trinitários, ofício que depois se estendeu a toda a Igreja, de forma que a devoção do beato Simão de Rojas veio a ser a origem da festividade do nome de Maria que hoje se celebra entre todos os católicos.

Perseverou na prática da caridade com os pobres e os doentes, na propagação da devoção a Maria e em atrair os pecadores para o caminho da salvação, até a sua morte, ocorrida em 29 de setembro de 1624. Escreveu várias obras, porém as mais interessantes talvez tenham ficado inéditas, entre elas este Tratado da oração e suas grandezas que os Cursos de Cultura Católica se honram em publicar pela primeira vez em livro e que, sem dúvida, há de chamar singularmente a atenção pela qualidade excepcional de seu conteúdo.

PRÓLOGO

TÃO ALTA E PODEROSA VIRTUDE é a oração na vida espiritual, que ao passo em que ela anda, anda a vida e sua harmonia; da mesma forma que, assim como o mar segue o movimento da lua (porque depende tanto deste planeta, que se cresce ou mingua a lua, cresce e mingua também o mar), assim a oração segue a vida espiritual, de maneira que em conformidade com as crescentes ou minguantes da oração, são as crescentes ou minguantes do espírito: algo similar nos sugere as divinas escrituras, pois vemos Moisés¹ que quando levanta as mãos e ora a Deus, o povo de Israel vence aos Amalecitas; e, ao contrário, quando as abaixa, o inimigo é o vencedor, de forma que dependia do aumento ou diminuição da oração do Profeta, perder ou ganhar as batalhas.

Assim andando de pé quebrado a oração, a alma anda vencida, desconcertada, arrastada pelas suas paixões, cheia de alegria fútil; abandona-se na distração, esquece a penitência, aborrece o recolhimento e foge do sacrifício. Este grande valor e o poder da oração me fizeram tratar dela, juntando-se a isso também saber

que alguns sermões que em glória dessa virtude soberana prediquei nos anos passados, andam escritos por muitas mãos, e falta verdade em alguns deles, e outros estão incompletos, não como foram predicados; assim, para acudir ao reparo de ambos os danos, quis me colocar neste trabalho, pedindo ao virtuoso e modesto leitor: o que encontrar de bom (que será pouco) atribua ao que por essência é bom (que é Deus nosso Senhor); e o que não seja, corrija e emende, para que assim (como disse o Apóstolo São Pedro) de tudo resulte honra e glória, o que de todos será no céu: *ut in omnibus honorificetur Deus per Jesum Christum, cui est gloria et imperium in saecula saeculorum.*²

ARGUMENTO DESTE TRATADO

Há homens que, ou por serem completamente carentes de devoção, ou pelo seu gênio particular e inclinação, têm uma espécie de fastio e nojo em relação a todos os exercícios devotos e às pessoas que os exercitam, dizendo que são impertinentes e devoções femininas, e que basta rezar um *Pater noster*. Sem tratar de outras novidades ou santidades, não posso deixar de rogar aos tais: respondam ao Apóstolo São Paulo³ o qual em um trecho quer que os homens façam oração em todo lugar: *Volo ergo viros orare in omni loco, levantes puras manus, sine ira et disceptatione*. E em outro trecho aconselha que esta oração seja sem cessar: *Sine intermissione orate*;⁴ e ainda repete em outro trecho a mesma doutrina, dizendo: dêem-se a oração com toda instância, velando e perseverando nela, com gratidão: *Orationi instate, vigilantes in ea, in gratiarum actione*.⁵ Respondam também ao Espírito Santo, que diz: *Non impediariis orare semper*⁶, não há coisa que o impeça de orar sempre. Respondam também a Isaías quando diz: *Qui reminiscimini Domini, ne taceatis. Et ne detis silentium ei, donec stabilitat*,⁷ dêem vozes e não cessem até que se-

jam merecedores. Respondam nem mais nem menos a Jesus Cristo Nosso Senhor que a cada passo nos manda,⁸ já que oramos, seja sempre e em todo lugar, seja sem cessar. Pois se o Espírito Santo, seu Ungido e seu Apóstolo e seu Profeta (em quem o próprio Espírito Santo falava), nos manda e pede tão contínua e ordinária oração, como há quem diga que basta um *Pater noster*? Comparemos estas palavras e estes pareceres com as suas palavras e seus pareceres, e verão seu desatino. Vocês dizem que basta um *Pater Noster*, ou coisa semelhante; Jesus Cristo diz tantas vezes como já ouviram, que façamos oração, sem cessar, segundo o qual, será das duas uma, que o Evangelho está errado, ou vocês, pois são pareceres contrários. Sendo, pois, impossível que erre o Evangelho, segue-se que vocês são os enganados e o errado, e manifestar o erro e o engano de vocês, e que estão certos os que a este santo exercício da oração se entregam, é o argumento e pretensão deste livro.

EXÓRDIO

Amen, amen dico vobis, si quid petieritis Patrem in nomine meo, dabit vobis. Joannis, cap. 16:23, isto é:

Em verdade, em verdade vos digo, o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo dará (São João, cap. 16:23).

Essas palavras são quase a última e final cláusula daquele amoroso e presenteado sermão, que Jesus Cristo Nosso Senhor, a caminho do horto de Getsêmani, na quinta-feira santa, à tarde, depois da ceia, tendo comungado e ordenado sacerdotes, predicou aos seus apóstolos, porque em lhes havendo dado parte e dito suas afrontas, afazeres, morte e dolorosa Paixão, ficaram com as tais notícias pasmados e atônitos; mas com estas palavras o filho de Deus fez com que voltassem a si, com elas os despertou, e com elas atçou seus corações e aqueceu sua frieza, dizendo-lhes: porque não haverá

coisa que peçam ao Pai em meu nome que ele não os concederá, e, pois tão grandes bens por minha Paixão e morte os encaminham, vamos, não há mais, falem-me, despeçam-se de mim e enxuguem essas lágrimas. Foram tão poderosas essas palavras do soberano Mestre, que com elas fez com que seus discípulos voltassem a si, e os fez falar e dizer: *Ecce nunc palam loqueris, et proverbium nullum dicis.*⁹ Agora, senhor, bem claro dizem nossos pensamentos e nossas dúvidas, bem os soletra e declara; tanto que há apaziguado e serenado nossos corações, e feito que todos, e cada qual em particular de nós, deixem de ver que é verdadeiro Deus, pois nenhum pensamento nos encobre. Havendo sido, pois, tão poderosas essas palavras, que com elas apaziguou e despertou Jesus Cristo a seus Apóstolos, com elas também (confiando na graça divina e ajudando-me a Virgem Santíssima, mãe da mesma graça), espero persuadir e interessar aos entediados da oração, que tenham fome e desejo dela.

PRIMEIRA PARTE

*Na qual se trata da grande necessidade que
temos da oração e de que coisa seja a oração,
a meditação e a contemplação.*

CAPÍTULO I

QUE TRATA DA MISÉRIA E NECESSIDADE
QUE VEIO AO HOMEM PELO PECADO, E COMO LHE
QUEBROU AS ASAS PARA VOAR AO CÉU.

O GLORIOSO PAI E ANGELICAL DOUTOR São Tomás,¹ discorrendo pelas inestimáveis riquezas de Deus, vem a dizer que por isso sua Divina Majestade não tem necessidade de ninguém, por ser Ele em si mesmo infinitamente bem aventurado, tendo portas adentro tudo quanto para sua divina glória e eterna felicidade for necessário. De tal doutrina se pode deduzir a diferença que há entre Deus e tudo que não é Deus, que Deus é suficiente para si, e não necessita de ninguém, segundo o que disse o Real Profeta em um dos seus salmos:² *Dixi Domino, Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges:* disse ao Senhor: nisso vejo que é meu Deus, pois meus bens não lhe são necessários; e em outro trecho³ disse: *Si esuriero non dicam tibi, meus est enim orbis terrae et plenitudo ejus:* se acaso me afligisse a fome,⁴ não iria acudir às suas despensas, nem ao seu recinto para cobrir minha nudez, porque o mundo todo é meu. Pelo contrário,

tudo que não é Deus, isto é, todas as criaturas são necessitadas, pobres e vivem da mendicância; e mesmo que seja de passagem, é bom advertir, que se os anjos e bem aventurados, que já desfrutam de Deus, no estado da glória, não pedem nem mendigam, a razão é porque de uma vez a divina generosidade lhes deu tão alto estado, como é o da glória, pelo qual completa e justamente ficaram remediados, pois não lhes restaram já o que pedir, nem o que esperar, mas nós que aqui nesta aldeia do mundo vivemos, vestidos destes remendos e farrapos da mortalidade, somos mendigos e necessitados; em tal grau, que quanto mais alto é o homem e mais excelente que todas as demais criaturas da terra, tanto é mais necessitado que todas elas, como vemos que, comumente, aqueles que em maior dignidade estão constituídos, têm necessidade de mais coisas para cumprir com seu estado; aludindo ao que disse com sobriedade o estóico Diógenes vendo um príncipe beber com ouro e vestir brocado: *O quantis ego non egeo*.⁵ Oh, feliz eu, que não tenho necessidade de tantas coisas, sendo filósofo, como este que é príncipe! De maneira que somos todos pobres e mendigos.

§ 1º

Oh! Quanta compaixão e quanto de verdade terá de si mesmo o homem, se ao dito acrescenta, que pelo pecado se precipitou em tantos males, que assim como seria fácil começar a referi-los, assim seria terminar dificultoso, pois nos consta que ao ponto que pelo pecado se inimizou com Deus, logo todas as criaturas se inimizaram com ele, tomando-as Deus por carrascos do próprio homem. Pelo qual neste ponto promulgou Deus dizendo: *Non permanebit spiritus meus in homine, quia caro est*.⁶ Como se dissesse: o homem não terá mais vida tão folgada, como ele pensava, e como a teria se não houvesse sido traidor; caminhava devagar, mas eu o agui-

lhoarei, de maneira que navegue a remo e vela até tomar porto na morte; e vendo o homem ameaçado por Deus, todas as criaturas se armaram contra ele e lhe declararam guerra, ensangüentando os anjos muitas vezes suas espadas no homem. De modo que, sendo criados para ministros de sua saúde, como disse São Paulo,⁷ Deus os toma por carrascos de suas culpas, conforme o que disse Davi naquelas palavras do Salmo:⁸ *Misit in eos iram indignationis suae, indignationem et iram immissiones per angelos malos*. E chama os anjos de maus, não porque o fossem, mas porque davam penas, que são males para os homens. E se voltamos os olhos à terra, irão se admirar ao ver que as mesmas coisas inferiores, que por serem e terem com o homem parentesco, parece que deviam ampará-lo, estas são as primeiras que se rebelam contra ele, ajudando a esta justa vingança de Deus. Isto diz a queima de Sodoma,⁹ quando o fogo fez com que virassem cinza todas suas torres, fontes e jardins. Isso diz¹⁰ o ar infeccionado, que empestou e matou muitos do exército do rei Davi. Isto diz¹¹ a água, que revolvendo a fúria de suas ondas, afogou o endurecido rei com seu exército. E¹² aquele abrir-se da terra e vivos engolir aos caudilhos do motim, Datão e Abirão, isso publica. Ou como ainda machuca mais, que não somente causam danos os elementos ao homem, mas todas as criaturas nascem irritadas contra ele; e assim vemos que um leão despedaçou um Profeta;¹³ e a baleia engoliu o outro vivo¹⁴ e bastou uma pequena andorinha para privar da visão e deixar cego o piedoso Tobias.¹⁵ E ainda, se nisso parasse nossa miséria, seria tolerável, mas o pecado reduziu o homem a tão miserável estado, que para findá-lo, não são requeridos leões, nem baleias, e são as andorinhas supérfluas, pois vemos por experiência ser suficiente para matá-lo: um pouco de ar destemperado, um jarro de água fria, um momento de sereno e outras ligeiras ocasiões, costumam-lhe abreviar e encurtar a vida. E agreguemos

ao dito que, tendo o homem o domínio dado por Deus sobre todas as criaturas daqui debaixo, no que cabe ao uso delas, não sei que elas têm, que fogem dele, e procuram sacudir de si essa carga e obrigação de sujeição, como maravilhosamente ponderou o Apóstolo São Paulo dizendo¹⁶ *nam expectatio creaturae revelationem filiorum Dei expectat. Vanitati enim creatura subiecta est non volens; sed propter eum qui subiecit eam in spe*. Isto é, antes do pecado, as criaturas serviam e acariciavam ao homem, mas vendo-lhe aleivoso e traidor contra seu Deus, machucam-lhe e expulsam-lhe, fugindo dele. Oh, misericordioso presente que o homem não encontre abrigo nas criaturas, para que assim, descolado e desprendido delas, procure somente ao Criador.

§ 2º

O império do pecado não parou nisto, senão que, arrancando as colunas de nossa miséria com um *plus ultra*, ultrapassou-as tanto quanto veremos: pois a parte inferior, que é este baixo e terrestre corpo, se rebelou contra a parte superior do homem que é a razão, a qual, sendo senhora, o enganoso e desleal escravo a traz amordaçada e sujeita, em tal grau, que muitas vezes, condescendente com ele, por ver-se livre da espessa e cruel artilharia de tentações, que continuamente lhe dispara, viciando-se no chão, mesmo que seja com o risco de perder o céu; o qual tudo, em nome da natureza humana, gloriosamente o descreve São Pedro,¹⁷ dizendo: *Scimus enim quia lex spiritualis est, ego autem carnalis sum venundatus sub peccato. Quod enim operor, non intelligo. Non enim quod volo bonum, hoc ago; sed quod odi malum, illud facio*. Isto é, bem sabemos e nos consta, que a lei é espiritual e nós carnais, e tão rendidos ao pecado, que muitas vezes a paixão nos cega, de tal maneira, que atuamos no que não entendemos e não atuamos no bem que queremos, de acordo

com a parte superior, senão no mal que aborrecemos, dominados pela parte inferior, que é o corpo. Considerando o que pede depois a Deus o mesmo Apóstolo, que o retire desta vida, porque saído dela, esteja livre da sujeição de sua carne e dos perigos e ocasiões de pecar, dizendo: *Infelix ego homo, quis me liberabit de corpore mortis huius?*¹⁸ Oh, infeliz, diz, de mim, quem me libertará da sujeição a este corpo mortal? Forcejam para sair a uma Farés e Zara,¹⁹ e estão primeiro lutando longo tempo Esaú e Jacó²⁰ e mesmo que ao final tenha restado para Jacó o campo, mas primeiro foi à luta disputada e perigosa. Pondera Santo Agostinho²¹ que o muito paciente Jó, a troco de ver-se livre desta sujeição da carne, desejava não ter nascido, e que por isso maldizia aquele dia de seu nascimento, que o colocou tão perto de perder a Deus; porque os Santos que conhecem e estimam a bondade divina, vendo-se em dificuldade ou em risco de perdê-la, chegam a desejar não haver nascido, com risco de tão grande perda.

§ 3º

Se no meio desta temível e brava tempestade ficasse a razão e o arbítrio inteiro, saudável, íntegro e tal que tivesse o leme firme e direto de Deus, tudo poderia ser tolerável; mas a dor é que, mesmo que a razão ficasse com livre domínio, de maneira que se ela não o quisesse, não importaria, mas com tudo isso ficou tão fraca neste governo, que sem o divino socorro nada pode, porque em pecando, depois ficou erma e nua. E disso parece ter sido alusão ao que a divina Escritura conta de Adão,²² que, ao pecar, abriu seus olhos, e se viu nu, que segundo São Jerônimo²³ não só foi de roupas, mas da graça e justiça original; e assim no natural como no sobrenatural, ficou nu, ferido e lastimado, pobre e necessitado o homem. Oh, que bem o descreve Davi²⁴ dizendo: *Dilexit maledictionem, et veniet ei; noluit*

benedictionem, et elongabitur ab eo: et induit maledictionem sicut vestimentum, et intrabit sicut aqua in interiora ejus, et sicut oleum in ossibus ejus. Farto mal tinha o triste, pois lhe tomava e alcançava a maldição e a miséria, de cima abaixo, como vestimenta; mas o que lhe rendeu, notem, pois diz o Profeta, que como água derramada, tudo encharca; e ainda agrega que a mancha da miséria espalhou-se como azeite, isto é, que a maldição penetrou e alcançou quanto pôde, que foi até a alma, parte melhor do homem. Pois a que se assemelha aos anjos, esta permaneceu terrestre, e a que vestia brocado de graça e comia celestial manjar, já toda ela é terra, pois seus pensamentos, desejos, caprichos e pretensões os são. Oh, com quanto fundamento se poderia dizer que sobre este caso lamentável foram (no sentido espiritual) as canções que no livro de suas lamentações cantou Jeremias,²⁵ quando disse: *Quomodo obscuratum est aurum, mutatus est color optimus, dispersi sunt lapides sanctuarii in capite omnium platearum. Filii Sion inelyti, et amicti auro primo, quomodo reputati sunt in vasa testea, opus manuum figuli.* O ouro (disse Jeremias), ou melhor dito, a que desprezava o ouro, e era de todos senhora, como perdeu aquela lustrosa tez, com cuja visão enamorava a Deus? Quem pode murchar a açucena do campo e o lírio dos vales? As pedras que se lapidavam para o soberano edifício e para reparar as quedas dos anjos, como andam por essas praças do mundo que não há criatura que não lhes traga suas dificuldades? E os filhos de Sião, a celestial, cujas vestimentas eram de ouro, cujas orlas estavam bordadas com pedras, como se transformaram em vasos de barro quebrados? E prosseguindo o mesmo santo Profeta sua lamentação, agrega:²⁶ *Qui vescebantur voluptuose, interierunt in viis, et qui nutriebantur in croceis, amplexati sunt stercora:* isto é, os que se afastaram do céu, ficam com fome, mortos por esses caminhos, e os que se sentavam em brandas e presenteadas almofadas e cadeiras de

carmesim, tanto se abateram na miséria, que se abraçam com uma coisa tão vil e baixa como o esterco. De quais palavras, claramente se vê a miséria que pelo pecado veio ao homem, e quão lastimado ficou na razão e arbítrio.

§ 4º

Não quero nas desventuras do homem, adquiridas pelo pecado, dar mais licença à pena, antes quero abrigar com esquecimento outras muitas, não fazendo menção a seus rancores, desgostos e amarguras, pois vemos que se deseja uma coisa, mil outras vão atrapalhá-la. E se a alcança, que dirá os sobressaltos de perdê-la? E se a perde, não se pode encarecer a pena que segue a culpa; as dores, sabores, achaques, a brevidade da vida, e a rebelião da parte inferior contra a superior, e o livre arbítrio não perdido, mas enfraquecido, e outros quase infinitos males que pelo infinito mal que é o pecado, o infinito Deus enviou ao homem. Valorize-se, pois, oh vão! De seus dons, graças e habilidades, que não por isso será mais forte que o leão, nem mais tranqüilo que a pomba, nem mais belo que o cravo, nem mais advertido que a formiga; tampouco viverá mais que um cervo. E se acaso presumir como nécio, de ser rico, nobre, belo e de outras questões semelhantes, lembre-se o que disse o profeta²⁷ Jó: *Numquid virere potest scirpus absque humore? Aut crescere carectum sine aqua?* Isto é: louco, não o herdou, o céu não lhe deu à toa, não se erga como traidor, com bens alheios, porque permitirá Deus em seu castigo que vá em flor e que o corte a morte ainda precoce; e ainda por isso coloca logo Jó²⁸ o castigo, dizendo: *Cum adhuc sit in flore, nec carpatur manu, ante omnes herbas arescit.* Você com sua vaidade murchará. Sendo, pois, as misérias do homem tantas, justo é que procuremos o raro e único remédio que temos para sair delas.